

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

O DESAFIO DE VIR A SER: JOVENS UNIVERSITÁRIOS, MORADIAS. Coletivas E Identidades.

Manuela Vieira Blanc.

Cita:

Manuela Vieira Blanc (2009). *O DESAFIO DE VIR A SER: JOVENS UNIVERSITÁRIOS, MORADIAS. Coletivas E Identidades. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1762>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/cdN>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O DESAFIO DE VIR A SER: JOVENS UNIVERSITÁRIOS, MORADIAS COLETIVAS E IDENTIDADES.

Manuela Vieira Blanc, Doutoranda em Sociologia Política PPGSP/UENF, Brasil.

manu_uenf@yahoo.com.br

Este paper objetiva a sintetização dos resultados de minha dissertação homônima, cujo objetivo principal é a análise da construção de identidades juvenis de estudantes da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, em Campos dos Goytacazes, RJ, integrantes de moradias coletivas. Identidades apreendidas como múltiplas, cujas diferentes faces são passíveis de serem acionadas de acordo com contextos relacionais específicos (WOODWARD, 2000). O espaço que ocupam estes estudantes, a realidade do seu dia-a-dia e as relações que estabelecem em diferentes contextos da vida cotidiana são tomados como fundamentais para a compreensão dos conteúdos e representações de suas identidades juvenis.

Introdução

Estes atores estão inseridos em uma realidade específica: estudantes, moradores do entorno de uma universidade em grupos autodenominados repúblicas estudantis. Muitas são as peculiaridades das experiências vivenciadas, desde a conciliação entre dependência financeira e progressiva legitimação da autonomia mediada pelo exercício de atividades como bolsistas da instituição de ensino; a adaptação a uma realidade nova, onde a autoridade familiar é alterada a partir do distanciamento geográfico; etc. Questões analisadas como elementos representativos à compreensão de suas identidades. São estudantes economicamente dependentes de seus pais ou responsáveis, não inseridos no mercado de trabalho formal, instalados em moradias compartilhadas com colegas que apresentam essas mesmas características, e que, de certa forma, dependem do aval de seus familiares para a manutenção de seu estilo de vida. Não são casados nem têm filhos, ambos os casos apresentando raríssimas exceções.

Inicialmente pensei em restringir-me aos alunos da graduação, bem como estabelecer uma delimitação etária que correspondesse à classificação social juvenil, assim como realizado em pesquisa anterior¹. A dinâmica de observação participante levou-me a perceber que, se tratando de um trabalho que visa a compreensão da construção de identidades juvenis, sobretudo se levado em consideração o conceito de identidade múltipla assumido, não caberia a mim impor limites e classificações ao grupo estudado. Ao mesmo tempo, o status e a realidade financeira e social em que se encontram os alunos do mestrado apresentam-se como elementos de distinção com relação aos graduandos em geral. Neste sentido, levei a campo a hipótese de que a idade tenha um peso menor entre os estudantes da UENF do que o valor das bolsas estudantis (diferenciados em três vezes entre graduandos e mestrandos) e

¹ Minha monografia de conclusão de curso, intitulada *Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas*, elaborada sob orientação da professora Doutora Wania Amélia Belchior Mesquita, na qual foi utilizada a delimitação entre 15 e 24 anos, segundo critérios do IBGE.

o reconhecimento social de uma ou outra fase de formação acadêmica. Por outro lado, assumo o recorte analítico em si mesmo como um delimitador mais ou menos homogêneo da fase vivenciada. Como estudantes universitários, esses sujeitos correspondem de certa forma a um coorte etário relativamente delimitado.

O novo ambiente no qual os estudantes se inserem após o afastamento da família restrita (SINGLY, 2007) apresenta-se como um espaço potencial de experimentação dada pela ausência de autoridades previamente legitimadas. Ao mesmo tempo, a rede de relações estabelecida ainda em momentos anteriores das trajetórias individuais, em destaque o grupo familiar, assume importância chave para a construção e legitimação de representações de si nesse novo contexto.

As peculiaridades dessas vivências se estendem desde a universidade e as moradias coletivas até os espaços de lazer frequentados pelos estudantes, diferentes pontos a partir dos quais são estabelecidas as relações. São esses os diferentes elementos a partir dos quais pretendo desenvolver minha argumentação com o intuito de tentar apreender como se constroem as identidades desses sujeitos autoclassificados como jovens, os mecanismos através dos quais se constituem enquanto tais, o estabelecimento de relações inter e extra-grupais, os conteúdos e os significados dessas tais juventudes.

Metodologia

A metodologia de análise envolveu a realização de observação participante e entrevistas semi-estruturadas com integrantes de uma mesma rede de relações. As redes são consideradas aqui como conjuntos de sujeitos colocados em relação direta ou indireta, caracterizando-se como um contínuo em que, em diferentes níveis, ou apenas potencialmente, todos estão interligados. O contato direto entre todos os integrantes não é um pressuposto para que determinado grupo possa ser caracterizado desta forma, mas sim a existência de pontos de contato entre diferentes atores: amigos, vizinhos ou, em certos casos, parentes em comum (BOTT, 1971).

A rede de relações aqui selecionada foi observada entre jovens moradores de república cuja identidade é perpassada pelo vínculo institucional com a universidade. Por outro lado, o grupo de dez entrevistados, oito meninas e dois rapazes, especificamente selecionados para as entrevistas, corresponde a uma seleção realizada por mim entre os diferentes atores inseridos nessa dinâmica.

Foram selecionados os estudantes de acordo com sua participação nas atividades realizadas coletivamente, tendo como referência inicial as minhas anfitriãs durante a realização do trabalho de campo e seus amigos próximos. Como optei por entrevistar jovens integrantes de diferentes repúblicas, o foco foi ampliado progressivamente, já a partir dos primeiros contatos realizados. Foi considerada relevante para a seleção dos estudantes uma relativa recorrência na participação em diferentes atividades coletivas de lazer e/ou estudo. Portanto, a rede foi selecionada segundo o estabelecimento de contatos de tipo “close-knit”, em que há muitas relações em torno das unidades componentes (diferentes integrantes ou pontos de integração) de uma determinada rede (BOTT, 1971). Ou seja, valorizei contatos (mesmo que superficiais) relativamente frequentes com “a rede” considerada de forma ampla, assim como o estabelecimento de relações de profundidade com ao menos um dos outros jovens identificados como parte deste conjunto.

Objetivo remontar o processo de construção de identidades juvenis perpassadas pela vivência em um contexto de sociabilidade muito específico: o vínculo institucional com a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a moradia em repúblicas estudantis como referências fundamentais para o estabelecimento de estilos de vida. Mais do que delimitações etárias estritas, impostas previamente para a seleção dos jovens a serem entrevistados, as características do próprio campo incidiram neste trabalho sobre a seleção de um grupo relativamente homogêneo de sujeitos. O mesmo poderia ser pontuado com relação à origem sócio-econômica dos entrevistados. Ao mesmo tempo, os processos a partir dos quais são estabelecidas e aprofundadas as relações, os significados através dos quais são legitimadas identidades apresentam-se como o foco principal deste trabalho. Ao tentar reconstruir este caminho, segundo o olhar desses próprios sujeitos, esta análise foi desenvolvida.

Juventudes

As discussões sobre o conceito juventude enquanto processo de constituição de individualidades a partir de um amplo, e ao mesmo tempo limitado, campo de possibilidades (VELHO, 2003) que se apresenta ao indivíduo moderno são complementadas na análise aqui desenvolvida pelas propostas de conceituação da própria noção de identidade. Ambas as construções sociais evidenciam a centralização da noção de indivíduo autônomo e diferenciado, exigindo, portanto, que se assuma a capacidade de direcionamento individualizado e distinto. O conceito de identidade refere-se a uma forma de identificação que pode estar relacionada à idade, classe, gênero, religião, etc. Já a noção de juventude está mais estreitamente associada à idade especificamente, compreendida, sobretudo, como fase da vida experimentada por determinado sujeito, variando, portanto, histórica e socialmente. A construção social da juventude é paralela a emergência das identidades individuais, agindo como complemento, senão parte, do processo civilizador (ELIAS, 1998: pp. 432).

Trato aqui o conceito de identidade enquanto reflexo de um momento histórico específico, e segundo uma perspectiva que prevê o surgimento da própria noção de identidade a partir de um questionamento basicamente social: “quem sou eu?” Nesta visão as narrativas sobre si mesmo são construídas através de relações estritamente sociais e atravessadas, portanto, por elementos que se sobrepõem de forma mais ampla ao indivíduo. Indivíduo e sociedade são como entidades em conexão (HALL, 2000; WOODWARD, 2000; REZENDE, 2007).

Por outro lado, este trabalho se justifica pela defesa da importância em se considerar as peculiares situações em que se constroem as diversas juventudes e os elementos significativos para a construção social de suas identidades. A tentativa de estabelecimento de uma máxima generalizante e estritamente definida do termo apresenta-se, dentro da proposta de pesquisa apresentada, como um desafio audacioso por sua própria pretensão. Assume-se, portanto, um posicionamento que se exime de tal tentativa ao ressaltar o caráter socialmente variável do conceito de juventude, mesmo em um contexto delimitado (ABRAMO, 1994).

No caso analisado o afastamento da família restrita e a entrada na universidade, segundo as especificidades das experiências vivenciadas, não implica numa simples continuidade do processo de autonomização desses sujeitos, ao mesmo tempo em que não há uma alteração

do estatuto social desses jovens. Os estudantes relatam processos de ressignificação de suas juventudes a partir da interiorização de novas demandas de posicionamento, envolvendo desde a manutenção da moradia até o cuidado de si (em proporções nunca antes experimentadas, segundo os jovens analisados), mas este processo não implica em uma alteração do estatuto social desses jovens.

O caso UENF: a formação das rede de relações e suas implicações para a construção das identidades individuais.

Foi identificada considerável concentração dos estudantes provenientes de outras cidades nos entornos da UENF, sugerindo os efeitos de uma dinâmica acadêmica específica. A questão fundamental a ser destacada neste artigo implica no reconhecimento deste dado como significativo para a apreensão relação estabelecida entre os estudantes da UENF e o centro urbano campista. Os espaços pelos quais circulam e as atividades realizadas durante suas horas livres são elementos que virão a integrar as relações estabelecidas com diferentes atores e entre si. As características das disposições espaciais das moradias e espaços de lazer, apreendidos como conseqüências da relação mais ampla entre estudantes e instituição de ensino (refiro-me aos serviços oferecidos pela universidade, bem como com o bairro no qual está situada, e as exigências curriculares apresentadas, etc.²) constituem-se como elementos fundamentais para a compreensão das dinâmicas de construção e legitimação dessas identidades juvenis por interferir no estabelecimento de grupos de sociabilidade juvenis. Neste sentido, o processo de constituição das redes de relações apresenta-se também como fonte significativa de dados para a compreensão do estabelecimento dessas identidades.

Assumo como pressuposto que o conjunto de jovens analisados tem sua rede de relações ampliada, ou potencialmente ampliável, através de seu contato direto ou indireto com colegas de seus companheiros de república. Assim como unidades familiares, os integrantes de uma mesma república são considerados aqui parte de um grupo de sociabilidade mais restrito, cuja relação com outros grupos é mediada pelos contatos dos seus integrantes, seja individual ou coletivamente, com integrantes de outras moradias (BOTT, 1971). As repúblicas podem portar-se, portanto, como ponto de referência neste emaranhado relacional, o que foi comumente observado no caso analisado; portanto, as moradias foram consideradas amplamente como unidades dessa rede mais ampla de contatos.

A partir de um conjunto de características comportamentais e a construção e legitimação paulatinas de um modo de vida muito peculiar, os estudantes analisados constroem para si grupos por identificação e através dessas relações são reconstruídas suas identidades. Neste sentido, as relações analisadas se caracterizaram pela construção de uma rede de relações que inclui exclusivamente estudantes da UENF. Sua identidade juvenil, portanto, se constrói coletivamente nessa nova realidade através do compartilhar de experiências derivadas do vínculo institucional e da realidade específica vivenciada a partir de sua inserção em um novo contexto.

Coletivamente são construídos significados aos espaços urbanos no entorno da universidade, através de um circuito de circulação entre lugares muito específicos, assim

² Ver BLANC, 2009.

como observado por diversos autores voltados para a análise das culturas juvenis entre outros grupos de jovens (TRACY, 2006; ALMEIDA, 2006; MAGNANI, 2006). Legitimam-se espaços como típicos à própria experiência de vivência em república vinculada ao uso de estabelecimentos comerciais específicos nos entornos da instituição de ensino por grupos de moradias coletivas.

Caracterizados amplamente como redutos típicos à fruição *uenfiana*, estes espaços são frequentados também por outros jovens, causando estranhamento entre os estudantes da UENF. Evidencia-se neste sentido o jogo entre o nós e eles elementar na construção de identidades diferenciadas: a separação, ou o estranhamento no contato com o outro. Outro este que está presente, portanto, neste espaço, seja como morador do bairro habitado pelos estudantes, seja como cliente dos mesmos espaços de lazer, assim como eles próprios reconhecem. Vale salientar que, no caso analisado, o outro refere-se em certos casos aos jovens não estudantes da UENF de forma geral, incluindo os outros estudantes universitários moradores de repúblicas em Campos ou não, e em outros os estudantes da UENF que não moram em república.

Segundo os dados obtidos, apesar do contato com outros jovens ser possibilitado em diversas situações da realidade vivenciada, as redes de sociabilidade são construídas excluindo em geral os jovens nativos campistas, assim como o observado anteriormente (BLANC, 2006). Os espaços de lazer legitimados por eles mesmos como típicos à sua vivência e identidade propiciam de alguma forma a ampliação de seus contatos. Mas estes tendem a se estreitar apenas através do convívio também em outros locais, como as moradias e a própria instituição universitária, excludentes àqueles que não compartilham da identidade *uenfiana*. Portanto, o vínculo institucional se sobrepõe a qualquer outro elemento como definidor de suas identidades e das suas capacidades de identificação. O compartilhar de um estilo de vida muito peculiar apresenta-se como importante fator para a construção de relações mais próximas, extensivas ao convívio extra-muros.

Considerações Finais

Os jovens estudantes da UENF moradores de repúblicas universitárias vivenciam experiências particulares em contextos de sociabilidade extremamente interessantes. Mais do que as transformações práticas com as quais precisam se deparar a partir da entrada no ensino superior, mudanças subjetivas significativas apresentam-se como aspectos fundamentais para a compreensão das novas identidades que constroem.

O afastamento da família restrita, a adaptação ao novo espaço urbano e a formação de moradias coletivas, além da inserção na própria dinâmica institucional são os elementos base através dos quais busquei mapear o processo de construção e legitimação de identidades por esses grupos de jovens. Através de grupos de sociabilidade, esses estudantes têm a possibilidade de reconstruir, ou re-significar a si mesmos, ao mesmo tempo em que tem a sua individualidade e autonomia socialmente legitimada de forma progressiva.

Reunidos num espaço relativamente pobre em opções de lazer e oferta de serviços, os estudantes constroem para si estilos de vida típicos, diferenciados dos jovens nativos campistas. Ambos os grupos estabelecem neste contexto redes de relações paralelas, cujo

contato não se apresentou significativo para o estabelecimento de grupos mistos de sociabilidade entre os estudantes entrevistados para a pesquisa.

O uso repetitivo e insistente de proposições, marcas de diferenciação que seguem desde vestimentas até vocabulário, comportamento, etc, mais do que descrever tem o poder de produzir realidades, produção esta que se dá pela “exposição” de uma imagem construída sobre si mesmo, muitas vezes marcada pelo exagero ou pela quebra com padrões (SILVA, 2000). Na relação com o outro os estudantes “criam” para si identidades específicas e, através de práticas coletivas encenam publicamente (em referência neste caso aos atores não inseridos no grupo) suas novas identidades: “[...] a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo” (SILVA, 2000: p. 96).

Os casos analisados envolvem não apenas a adaptação de grupos de jovens a um ambiente completamente novo, como também a necessidade com que têm que lidar com o caráter transitório de sua permanência neste ambiente urbano. Transitoriedade dada pela ambiguidade apresentada pela casa familiar tomada ao mesmo tempo como ponto de referência pessoal e paradoxo ao processo de construção de suas individualidades; além da incapacidade da nova moradia em apresentar-se como espaço legítimado de habitação, aspectos estes que não puderam ser desenvolvidos neste trabalho. Transitoriedade instaurada pela própria trajetória estudantil, finita e superável que levam, portanto, a uma busca por identificação como tradução a uma busca de si. (PAIS, 2006).

Referências Bibliográficas

ABRAMO , Helena Wendel. “Contexto Histórico e condição juvenil”. In: _____. *Cenas Juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

ALMEIDA, Loriza Lacerda de. A juventude universitária e a nova sociabilidade: continuidade ou ruptura? *VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra, 2004.

BLANC, Manuela. *Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas*. Monografia (bacharelado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Centro de Ciências do Homem, 2006.

_____. O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PPCIS/UERJ, 2009.

BOTT, Elizabeth. Family and social network. Roles, norms, and external relationships in ordinary urban families. Second edition. London: Tavistock Publications, 1971

ELIAS, Norbert. *La civilización de los padres*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1998.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart (Orgs.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Jovens paulistanos: formas de uso e apropriação do espaço urbano na metrópole. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.;

EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sociabilidades nas culturas juvenis*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, Mauad Ed., 2006.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

REZENDE, Claudia Barcelos. Identidade e Contexto: algumas questões de Teoria Social. In: *Bib – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, n° 64, pp. 29 – 41, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____;—WOODWARD, Kathryin; HALL, Stuart. (Orgs.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGLY, François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TRACY, Kátia Almeida. Nomadismos metropolitanos. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sociabilidades nas culturas juvenis*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, Mauad Ed., 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade: uma introdução teórica e conceitual. IN: _____. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart. (Orgs.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.